

JARDIM DE INFÂNCIA

Termo criado por Friedrich Froebel (1782-1852), educador alemão, autor de *A educação do homem*, para designar seu novo modelo educacional e filosófico para a educação da criança pequena. De acordo com Liebschner (1991, p. 15), Froebel passou seis meses buscando uma palavra que pudesse descrever apuradamente essa nova instituição. “Certamente não poderia ser chamada ‘uma escola’, porque escolarizar implicava ensinar, implicava um método pelo qual conhecimento é obtido de fora. Mas antes que uma pessoa possa aceitar o conhecimento de outros, ela tem que estar de posse de algum conhecimento de si própria, no qual possa tecer esse novo conhecimento. Essa nova instituição teria que prover um ambiente onde as crianças se sentissem seguras o suficiente para experimentar e combinar sua vida interior com as demandas do mundo exterior, onde existissem oportunidades para as crianças experimentarem através de suas brincadeiras em áreas ainda não conhecidas, mas vagamente imaginadas. Tal ambiente previsível e protegido era como um viveiro (*nursery*), onde o jardineiro cuida de suas plantas, provê-lhes de ar e água, e as move para o sol, de forma que possam crescer e florescer. Iria ser um jardim para crianças, um ‘*kindergarten*’ (literalmente, jardim de crianças)”. Froebel foi o primeiro educador a inventar uma aparelhagem de materiais para a expressão da atividade das crianças, os chamados ‘dons’ (bolas, cubos, cilindros, blocos), e ocupações (dobraduras, trabalhos em argila e madeira). A ideia básica subjacente é prover as crianças com objetos tridimensionais, com os quais pudessem descobrir e dominar as leis da natureza, através da atividade criativa. Cada dom era apresentado e utilizado pela criança com diferentes finalidades: para representar objetos e situações conforme experimentados na vida da criança, de forma que, ao se lembrarem desses eventos e objetos, também refletissem sobre eles (Formas de Vida); para demonstrar princípios científicos, tais como: noções de tempo, espaço, causalidade e número, ou relações entre passado, presente e futuro, ou movimento, velocidade e impacto, ou mesmo relações geométricas de linhas, superfícies e sólidos (Formas de Conhecimento); e, por último, para desenvolver a consciência estética, através da criação de padrões e formas de beleza (Formas de Beleza). O primeiro jardim de infância foi criado em 1840, no centro do vilarejo de

Blankenburg, para 40 crianças de 1 a 7 anos, em tempo integral. A área física era ampla e continha um jardim. Cada criança tinha a sua disposição um pequeno pedaço de terra para semear, capinar, colher e observar os efeitos das estações, cuidar de viveiros de flores e hortas, e, com isso, adquirir conhecimentos básicos em ciências naturais e aprender a cooperar. A base do currículo froebeliano tem como pressuposto que a criança aprende fazendo e através da ação. “Aprender uma coisa na vida e através da ação produz muito mais desenvolvimento, cultivo e força do que aprendê-la meramente através de comunicação verbal de ideias”. (FROEBEL apud EBY, 1962, p. 446). Evitar a inatividade das crianças e alternar tipos de atividades eram centrais. Assim, construções individuais, de iniciativa das crianças deveriam ser seguidas por tarefas orientadas e sugeridas pelas professoras; períodos de atividades sentadas deveriam ser intercalados com atividades de dança e jogos de movimento. Froebel viveu num século onde as crianças eram consideradas à parte dos adultos, algo a ser tolerado, preenchido de conhecimentos e modelado de acordo com os desejos e demandas do adulto. O jardim de infância que criou revolucionava essa concepção. Representava a ideia de educação baseada nas experiências de vida das próprias crianças, as quais eram respeitadas como pessoas nos seus próprios direitos, em igualdade de valor aos adultos. Os jardins de infância inspirados por ele instigavam as atividades de exploração, observação e verificação; encorajavam a formulação de perguntas ao invés de oferecer respostas; auxiliava as crianças a estabelecer regras ao invés de obedecerem a ordens de outros; considerava a brincadeira o mais alto grau de desenvolvimento humano na fase infantil e o pensamento criativo e independente mais importante que a conformidade (LIEBSCHNER, 1991). Ideias excessivamente liberais para serem incorporadas como proposta de Estado. Em agosto de 1851, um ano antes de sua morte, Froebel recebe a notícia de que todos os jardins de infância da Prússia seriam fechados, pois eram considerados pelo governo “centros de subversão política e de ateísmo” (KUHLMANN JUNIOR, 1998, p. 119). A complexidade de sua obra e o conhecimento e criatividade exigidos das professoras para colocá-la em prática geraram um sistema abrangente de escolas de formação, associadas à prática dos jardins de infância. O movimento dos jardins de infância que se espalhou pelo mundo levava consigo não apenas os fundamentos de uma educação voltada à criança pequena e os meios pelos quais poderia ser concretizada, como também a ideia de que um jardim de infância não é possível sem

profissionais capacitados especificamente para esse fim. A tradição froebeliana ainda existe e pode ser observada em muitos países por todo o planeta. Seus componentes originais são: a brincadeira livre, o trabalho em grupo, as atividades criativas expressivas, a reunião em círculo (ou a “roda”, como é conhecida no Brasil), o canto, o conto, o movimento e o ritmo, o trabalho com temas, com a natureza e as atividades ao ar livre, dentre outras. Dentre as propostas pioneiras de educação da infância, o *kindergarten* froebeliano foi o que se espalhou mais rapidamente pelo mundo, alcançando a Europa do Norte, Ocidental e Oriental, a América do Norte e do Sul e a Ásia no período de 1860 a 1900. Essa proposta chegou ao Brasil em meados do século XIX, por influência americana. Por muito tempo julgou-se que o jardim de infância anexo ao Colégio Menezes Vieira, fundado em 1875, na cidade do Rio de Janeiro, teria sido o primeiro, mas atualmente sabe-se que esse título deve-se ao jardim de infância fundado na cidade de Castro, Paraná, em 1862, por Emília Ericksen. Desde o tempo de Froebel, o jardim de infância passou por muitas transformações, mantendo suas premissas principais em alguns países, como, por exemplo, nos países nórdicos, ou perdendo seu caráter original em outros países, como, por exemplo, nos Estados Unidos, onde o termo ‘jardim de infância’ refere-se atualmente ao ano que precede o ensino fundamental. No Brasil, o processo de expansão da pré-escola nas décadas de 60 e 70 praticamente absorveu os poucos jardins de infância que existiam pelo país, resultando na sua descaracterização. Em alguns estados, o termo ‘jardim’ é adotado para referir-se ao grupo de crianças de 4 a 5 anos de idade.

LENIRA HADDAD

EBY, F. Froebel e a educação pela evolução orgânica. In: EBY, F. *História da educação moderna*: teoria, organização e práticas educacionais. Rio de Janeiro: Globo, 1962. p. 430-461.

FROEBEL, F. A. *A educação do homem*. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2001.

HADDAD, L. Jardim de infância. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

KUHLMANN JÚNIOR, M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre, Mediação, 1998.

LIEBSCHNER, J. *Foundations of progressive education: the history of the National Froebel Society*. Cambridge: The Lutterworth Press, 1991.

HADDAD, L. Jardim de infância. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM